



# A PRODUÇÃO DA ARQUITETURA (E DO DESIGN)

aproximações a um novo campo de estudos

**caderno de resumos**

# SUMÁRIO

|           |                                               |
|-----------|-----------------------------------------------|
| <b>3</b>  | <b>Apresentação</b>                           |
| <b>5</b>  | <b>Programação</b>                            |
| <b>7</b>  | <b>MESA 1 Arquitetura Nova e seu tempo</b>    |
| <b>17</b> | <b>MESA 2 Desenho, trace, desígnio</b>        |
| <b>27</b> | <b>MESA 3 O ofício do canteiro ao projeto</b> |
| <b>37</b> | <b>MESA 4 Trabalho separado e emancipação</b> |

# APRESENTAÇÃO

Como se sabe, as análises de arquitetura e design costumam deter-se em objetos acabados ou em seus processos de invenção projetual, tidos como puramente intelectuais ou linguísticos, autônomos da prática social e das injunções produtivas. Para romper com essa tendência, e reconectar as decisões de arquitetura e design à dinâmica das relações e transformações do trabalho na sociedade capitalista, este seminário propõe um diálogo com um novo campo de Estudos de Produção na área. Vincula-se desta maneira ao projeto *Traduzindo Ferro/ Transformando Conhecimentos em Arquitetura, Projeto e Trabalho para um novo campo de Estudos da Produção [TF/TK]*, desenvolvido em parceria entre a Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo/ FAPESP (processo nº2019/21593-6) e a School of Architecture and Planning da Universidade de Newcastle/ Arts and Humanities Research Council, do Reino Unido.

O TF/TK, ao mesmo tempo que articula um conjunto expressivo de professores e pesquisadores de distintas nacionalidades e instituições no processo de tradução e edição de dois livros e uma antologia de textos do arquiteto, pintor e professor Sérgio Ferro em língua inglesa, põe em relação diferentes estudos monográficos cujos enfoques produtivos propõe deslocar construções disciplinares estabelecidas, critérios historiográficos e práticas pedagógicas e políticas nas áreas de arquitetura e design.

Neste sentido, o seminário *A produção da arquitetura (e do design): aproximações a um novo campo de estudos*, iniciativa conjunta dos Programas de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU e do IAU-USP, é fruto da parceria entre os professores João Marcos de Almeida Lopes e José Lira, ambos integrantes do TF/TK. A iniciativa deu-se na realização da disciplina “AUH 5859 - Arquitetura, historiografia e crítica: os estudos de produção”, ministrada no primeiro semestre de 2021. O presente evento reúne um conjunto de 17 trabalhos finais da disciplina, elaborados por jovens pesquisadores de diferentes programas de pós-graduação em design e arquitetura e urbanismo, além de quatro debatedores, cujos trabalhos oferecem um quadro amplo de possibilidades dos Estudos de Produção em Arquitetura, Projeto e Design no Brasil. Organizado em quatro eixos distintos - “Arquitetura Nova e seu tempo”; “Desenho, trace, desígnio”; “Os ofícios do canteiro ao projeto”; “Trabalho separado e emancipação” – o seminário pretende articular e fomentar diferentes pesquisas visando a consolidação do campo.

João Marcos de Almeida Lopes  
José Tavares Correia de Lira

# PROGRAMAÇÃO

**8:30 – 9:00** João Marcos de Almeida Lopes e José Lira  
Abertura

**9:00 – 10:40** Arquitetura Nova e seu tempo  
Mesa 1 MEDIAÇÃO Ana Paula Koury (FAU Mackenzie)

**Rebeca Lopes**

Negação determinada: Ferro, Schwarz e a revista Teoria e Prática

**Gabriel Biselli**

Notas sobre algumas experiências editoriais do grupo  
Arquitetura Nova, 1965 – 1971

**Tiê Higashi**

Sérgio Ferro e o novo realismo

**João Fiammenghi**

A FAU-USP entre 1968 e 1972, apontamentos  
no âmbito da produção

**10:50 – 12:30** Desenho, trace, desígnio, mediação  
Mesa 2 MEDIAÇÃO Eduardo Costa (FAU USP)

**Gabriel Sepe**

Uma pequena contribuição a leitura de “Michelangelo.  
Arquiteto e escultor da Capela dos Médici”, de Sérgio Ferro

**Bruna Canepa**

Desenho: canteiro em miniatura

**Francisco Silva**

A forma vista do canteiro

**Vinicius Okada**

Arquitetura e Ideologia em Rodrigo Lefèvre

**14:00 – 15:40** O ofício do canteiro ao projeto  
Mesa 3 MEDIAÇÃO Silke Kapp (EA UFMG)

**Victor Presser**

Arranjos produtivos e o lugar do *métier* da carpintaria

**Guilherme Soto**

Centro Cultural São Paulo: a produção da arquitetura

**Gabriel Kogan**

A arquitetura moderna japonesa vista do canteiro

**Rafael Amato**

Designers como trabalhadores: desenho separado  
e o humanismo projetual de Gui Bonsiepe

**15:50 – 17:30** Trabalho separado e emancipação  
Mesa 4 MEDIAÇÃO Lucia Shimbo (IAU USP)

**Ugo Breyton**

Manufatura e indústria nos canteiros do PMCMV

**Joana Martins**

Participação, cooperação e projeto:  
reflexões sobre diferentes perspectivas dos conceitos

**Elizabeth Othon**

Notas sobre a arquitetura quilombola e os estudos de produ-  
ção a partir da observação em campo do Quilombo Ribeirão  
do Mutuca (MT)

**Beatrice Volpato**

As mulheres e os mutirões: uma relação complexa

**Noemi Rodriguez**

Comunidade Piquiá de Baixo (MA): notas sobre o projeto e a obra

# MESA 1

# ARQUITETURA NOVA E SEU TEMPO

**MEDIAÇÃO Ana Paula Koury**

Arquiteta e Urbanista, professora do programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo e do mestrado em engenharia civil da Universidade São Judas e do curso de graduação em arquitetura e urbanismo da Universidade São Judas e da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pós doutora pelo Instituto de Estudos Brasileiros (2018). Fulbright visiting professor City College de Nova York (2016) . Em 2019 publicou “Arquitetura Moderna Brasileira: Uma crise em desenvolvimento, textos de Rodrigo Lefèvre”. Prêmio Anparq de melhor livro coletânea em 2020.

# Negação determinada: Sérgio Ferro, Roberto Schwarz e a Revista Teoria e Prática

O texto analisa o ambiente que originou a revista paulistana elaborada nos anos 1970, Teoria e Prática (TP), observando os caminhos pessoais e coletivos que permitiram o intercâmbio de ideias entre dois personagens que representavam a FFLC-USP e a FAU-USP: Roberto Schwarz e Sérgio Ferro, com ainda maior ênfase em Ferro. Nos aproximamos dos trabalhos que consideram que a produção intelectual, não se nutre apenas de fontes teóricas e sim estão intrinsecamente conectados aos diálogos entre grupos, personagens e às experiências dos sujeitos. Ao analisar o ambiente da revista TP propomos entendê-la para além de sua função de revista, mas como produção cultural de um grupo específico, ao qual pertenciam Schwarz e Ferro, fundamental na formação de duas das escolas mais importantes do Brasil: a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, ambas da Universidade de São Paulo.

**Rebeca Lopes Cabral** Arquiteta e Urbanista formada pela Escola da Cidade (EC, 2016). Mestre pela FAU-USP (2019), onde atualmente desenvolve pesquisa de doutorado na linha de História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo com apoio da Fapesp, sobre circulação de ideias sobre lugares de memória relacionados às ditaduras latino-americanas. Integra o Laboratório para Outros Urbanismos (FAU-USP) e o grupo de pesquisa Acervos e Direitos Humanos, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

# Notas sobre algumas experiências editoriais do grupo Arquitetura Nova, 1965 – 1971

O presente artigo tem como objetivo delinear um breve exame das formas pelas quais os arquitetos e membros do grupo conhecido como *Arquitetura Nova* veicularam suas ideias entre 1965 e 1971, construindo um debate. Por meio de uma arqueologia da produção intelectual dos três arquitetos – Flávio Império, Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro, e com uma maior ênfase neste último – o artigo buscará mapear publicações impressas (livros, revistas, jornais, catálogos de exposições de artes visuais e programas de teatro) que apontam para um papel transdisciplinar do arquiteto enquanto editor. Se é conhecida a atuação profícua do grupo nos campos da docência – FAU-USP, TUSP, École d'Architecture de Grenoble, etc. – e no das artes plásticas – pintura, gravura, serigrafia, cenografia, figurino, etc. –, sempre vinculada ao ofício da arquitetura e à sua crítica, interessa ao artigo explorar os espaços, isto é, os *canteiros*, da escrita e reflexão teórica do grupo.

**Gabriel de Paula Biselli** Arquiteto graduado pela Escola da Cidade (EC, 2018) e mestrando do Programa de Pós-Graduação da FAU-USP (2021). Foi professor assistente da EC entre 2019 e 2021 e cofundador do CLUBE (2019), escritório de arquitetura baseado em São Paulo. Tem experiências projetuais e de pesquisa com imagem, arquitetura e cidade.

# A FAU-USP entre 1968 e 1972, apontamentos no âmbito da produção

As questões mobilizadas neste trabalho partem dos documentos oficiais dos fóruns de ensino dos anos de 1960 realizados na FAU-USP, cotejados com programas de ensino e ideários sobre o desenvolvimento das forças produtivas e sobre o nacional. Pretendo olhar para a atuação discente e docente na FAU-USP – esta compreendida como uma arena cultural – até 1972 com a publicação pelos estudantes d’“A casa popular” de Sérgio Ferro, passando pela atuação editorial discente nas revistas “Desenho”, “Ou...” entre 1970 e 1971. Dessa forma, busco compreender quais eram as distintas apostas produtivas do ponto de vista da arquitetura e do design nesse ambiente de ensino e de engajamento político ao enfrentar temas centrais naquele momento, como a industrialização, as relações da arquitetura com o canteiro de obras, sob diferentes visões de desenvolvimento do país, de racionalização da construção e da cultura nacional, popular ou de massa.

**João Bittar Fiammenghi** Arquiteto e urbanista pela FAU-USP (2020), mes-trando pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (na área de concentração em história) da mesma instituição e Pesquisador Afiliado no projeto Translating Ferro/Transforming Knowledges (cooperação Fapesp e Arts and Humanities Research Council – AHRC-UK).



# Sérgio Ferro e o Novo Realismo

Quando Sérgio Ferro diz ser fundamental a união entre canteiro e desenho, ele está falando diretamente sobre o movimento moderno. A sua postura contra a abstração na arquitetura se estende à arte em geral e se aplica às suas próprias pinturas: elas devem ser veículo de conscientização social, assumindo uma postura crítica diante do mundo. A abstração seria uma negação dessa dívida com a sociedade. O questionamento da hierarquia dos valores não-figurativos é também feito por Pierre Restany, em Paris, no início da década de 1960, o qual encabeçou o advento de uma nova arte, socialmente relevante, próxima da experiência da vida, denominada *nouveau réalisme*. Havia o entendimento de que a chave para a poética contemporânea residiria na aproximação perceptiva do real. No Brasil, a ideia de um novo realismo foi conduzida pelo crítico de arte e militante político Mário Schenberg e culminou nas exposições 'Opinião 65' e 'Propostas 65'. Além de sua participação enquanto pintor, Ferro atua no núcleo de elaboração das exposições. Ele discute em texto e em telas como seria possível fazer uma pintura contestadora da situação política à época, não muito distante do que a corrente realista contemporânea estava buscando. Assim, é a partir da perspectiva de um novo realismo tropical que este trabalho procura estabelecer relações possíveis com o pensamento e prática de Sérgio Ferro e, mais amplamente, a repercussão que o novo realismo teve no grupo Arquitetura Nova.

**Tiê Mussallam Higashi** Arquiteta e urbanista (2018) e mestranda em História da Arquitetura e do Urbanismo na FAU-USP, com pesquisa sobre o traço performático de Flávio de Carvalho a partir do estudo da Casa Capuava. Foi professora da disciplina eletiva Dança: "Outros sentidos da arquitetura", na Escola da Cidade. Tem passagem pelo Instituto Moreira Salles, pela Pinacoteca de São Paulo e pelo The Museum of Modern Art, em Nova York.

# MESA 2

# DESENHO, TRACE, DESÍGNIO

**MEDIAÇÃO Eduardo Augusto Costa**

Docente da FAU-USP, é Graduado em Arquitetura e Doutor em História pelo IFCH-Unicamp, onde também desenvolveu pós-doutorado. Dedica-se à Historiografia da Arquitetura e do Design, com especial atenção à Cultura Visual, Cultura Material, História Intelectual, Arquivos e Coleções. É líder do Grupo de Pesquisa “Arquivos, fontes, narrativas: entre cidade, arquitetura e design” (CNPq).

# Uma pequena contribuição a leitura de “Michelangelo. Arquiteto e escultor da Capela dos Médici”, de Sérgio Ferro

Este trabalho consiste na produção de um conjunto de desenhos arquitetônicos – perspectivas axonométricas e cônicas – que facilitam a compreensão da análise de Sérgio Ferro da Capela dos Médici, obra de Michelangelo. O trabalho propõe que a forma de representação mais adequada para análise é um conjunto heterogêneo de projeções planares, já que a análise de Ferro flutua por diversas categorias emprestadas da semiótica peirciana, fazendo com que uma imagem diagramática da obra seja incapaz de acompanhar as diversas categorias exploradas. Esse conjunto de desenhos foram pareados e relacionados com os trechos selecionados do texto de Ferro a que a análise se debruça em cada instante. A justificativa do trabalho está no fato de que a pouca familiaridade no contexto brasileiro da obra abordada por Sérgio Ferro talvez seja um impedimento para um rendimento maior da análise pretendida no estudo do autor.

**Gabriel Sepe** Arquiteto formado pela FAU-USP (2011). Acumulou experiência em diversos escritórios de arquitetura de São Paulo. Atualmente desenvolve pesquisa sobre Projeto, Trabalho e Manutenção na área de concentração de Projeto de Arquitetura do Programa de Pós-Graduação da FAU-USP.

# Desenho: canteiro em miniatura

Dentro de um contexto de mudança na historiografia da arquitetura nas últimas décadas, onde novas perguntas seguem sendo postas na disciplina, podemos nos aproximar dos desenhos de arquitetura sob uma diferente ótica, entendendo-os também como objetos tridimensionais, para além de suas visualidades, frutos de um conjunto de materiais e ferramentas pré-estabelecidos, de trabalho intelectual e manual e operados por um gestual específico, seja ele palpável ou digital, pertencentes a contextos específicos de produção e reprodução. Amparados por este contexto de revisão, a fim de amplificarmos as discussões postas na disciplina AUH5859, quais novas questões podemos elaborar ao nos aproximarmos da obra de Sérgio Ferro, em especial as de seu entendimento sobre o desenho? Se considerarmos o desenho como o alicerce de controle entre do campo das ideias e o campo da prática, e que em consequência ditará os processos produtivos da arquitetura, da prancheta ao canteiro, podemos traçar paralelos entre o desenho, entendendo-o como um canteiro de obras em miniatura, onde muitas das dinâmicas e tensões do próprio canteiro de obras já estão materializadas em seu próprio desenho-objeto. Quais as particularidades de ambos que comunicam aspectos mais amplos do campo da arquitetura e suas dinâmicas? O desenho não é só o documento-origem e norteador dos processos construtivos, mas parte constitutiva e palpável do processo em si, e estes processos podem ser lidos materialmente, cristalizados em suas dinâmicas internas, em forma de desenho-objeto.

**Bruna Canepa** Arquiteta formada pela Escola da Cidade (EC, 2013) e atualmente desenvolve sua pesquisa de mestrado pela FAU-USP em São Paulo, onde vive e trabalha. É co-fundadora do escritório Miniatura (2010 - 2014) e colabora com escritórios de arquitetura com frequência. Desde 2008 trabalha como artista visual, tendo participado de uma série de exposições no Brasil e no exterior.

# A forma vista do canteiro

Este artigo tem como objetivo tensionar a forma arquitetônica em relação a forma social mediante os principais pontos definidos por Sérgio Ferro em seus estudos sob uma perspectiva crítica vista a partir do canteiro de obras. Assim, as formas arquitetônicas, para além de seus atributos estilísticos, são compreendidas como fruto das relações de trabalho. Ao remontar o pensamento de Ferro, cotejado por outras visões que pautam uma revisão historiográfica de cunho marxista ou uma análise estética da realidade social, pretende-se relatar sobre dois modos distintos pelos quais a forma arquitetônica pode ser caracterizada: (1) forma eloquente, quando se leva em conta as potencialidades do material utilizado nas mãos dos operários; e (2) forma alienada, quando a tecnologia se contrapõe ao corpo produtivo e o padrão estabelecido escapa ao raciocínio dos executores. Tal diferenciação se mostra relevante à medida em que exemplos divergentes entre si – como o caso do Sistema Hennebique e as pontes de Robert Maillart – são associados a uma mesma categoria de experimentação pela historiografia tradicional, onde as relações de produção são pouco aprofundadas. Diante dessa qualificação, espera-se esboçar possibilidades de como se aproximar mais do desenvolvimento de uma forma eloquente do que da forma alienada, considerando esta reflexão como um oportuno desdobramento do pensamento de Ferro no quadro atual dos estudos de produção. Em uma breve exemplificação, entende-se que a utilização do tijolo por parte dos arquitetos e arquitetas paraguaias nos últimos anos contribuiu para uma eloquência das formas arquitetônicas, nos termos aqui definidos.

**Francisco Silva** Arquiteto e Urbanista pelo Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal do Ceará (DAUD-UFC, 2019). Atualmente é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP, vinculado à Área de Concentração de Projeto, Espaço e Cultura.

# Arquitetura e Ideologia em Rodrigo Lefèvre

O artigo busca sintetizar em termos filosófico-históricos as contradições centrais e estruturantes da Arquitetura enquanto campo disciplinar a partir da análise da tradição crítica-teórica marxista, sobretudo em autores como Sérgio Ferro, Rodrigo Lefèvre, Manfredo Tafuri, Antonio Gramsci e György Lukács. Tendo como momento primordial da análise o processo do trabalho, conforme descrito por Marx n'O Capital, chega-se ao problema da teoria-práxis como central na teoria filosófica moderna, apresentando como desdobramentos fundamentais o desenvolvimento das ciências parcelares, tais como a Arquitetura e o Urbanismo, e a consequente tendência às reificações no trabalho dos intelectuais que, na Arquitetura, tem como momento principal a contradição canteiro-desenho. Dessa forma, a análise crítica da gênese sócio-histórica da Arquitetura e do Urbanismo a partir de seus fundamentos superestruturais ideológico-políticos e da base histórico-econômica do pensar e do fazer do Arquiteto apresenta-se como ponto essencial para a necessária subversão da práxis, nos dizeres gramscianos, para supracumir tais contradições no sentido de um fazer de novo tipo.

**Vinícius Okada Micheletto de Moraes d'Amico** Graduado em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU-USP (2020). Mestrando na FAU-USP, onde desenvolve a pesquisa Do pensar, do fazer: o problema da práxis em Rodrigo Brotero Lefèvre, orientada por Luiz Recamán. Desde 2020, trabalha como desenhista freelancer, tendo realizado desenhos de capas de livros para o Instituto Caio Prado Jr. e para o LavraPalavra Editorial.

## MESA 3

# O OFÍCIO DO CANTEIRO AO PROJETO

### **MEDIAÇÃO Silke Kapp**

Arquiteta, com mestrado e doutorado em Filosofia (UFMG, 1994 e 1999) e pós-doutorado na área de sociologia urbana (Bauhaus Universität Weimar/Capes, 2015). Atualmente é professora associada da Escola de Arquitetura da UFMG e membro titular da Coordenação Colegiada do Grupo de Pesquisa MOM (Morar de Outras Maneiras). Tem experiência nas áreas de Arquitetura, Urbanismo e Planejamento, atuando principalmente nos seguintes temas: estudos de produção, teoria crítica da arquitetura e da cidade, espaço cotidiano, interfaces para a autonomia, metodologia da pesquisa sócio-espacial.

# Arranjos produtivos e o lugar do *métier* da carpintaria

O presente artigo propõe uma reflexão sobre as relações de trabalho na construção civil, mais especificamente na construção com madeira e a relação com o *métier* da carpintaria, através do prisma da longa história da construção apresentada por Sérgio Ferro. Os carpinteiros continuam sendo a face da exploração da divisão do trabalho num país marcado pelo abismo social e racial. Afrodescendentes, migrantes ou filhos de migrantes, moradores da periferia, com pouca escolaridade ou analfabetos, são características comuns dentre os trabalhadores do canteiro de obras. Mesmo grandes mestres carpinteiros ainda têm dificuldades financeiras com a inconstância e o rebaixamento salarial do seu trabalho na construção civil. A divisão do trabalho capitalista está impregnada em todos os setores da construção; resta saber se é possível que campos como a carpintaria, a arquitetura e a engenharia possam trabalhar de maneira mais horizontal e dialógica, num processo que rompa com a divisão entre o trabalho ‘intelectual’ e o ‘manual’.

**Victor Presser** Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) (2017).



# Centro Cultural São Paulo: a produção da arquitetura

À época de sua inauguração, o Centro Cultural São Paulo foi destaque em uma série de reportagens e discursos veiculados na grande imprensa e nas revistas especializadas. A concepção da estrutura mista de concreto e aço foi interpretada como uma inovação, para além de seu programa arquitetônico pioneiro no Brasil. O processo de produção da arquitetura também teve seu papel destacado na veiculação do projeto, e a análise do discurso revelou uma falta de rigor conceitual ao tratar das formas de produção da arquitetura, oscilando desde a defesa da industrialização até a valorização do trabalho artesanal. O objetivo deste trabalho foi analisar o processo de produção da estrutura do edifício do Centro Cultural a partir da perspectiva da crítica da Economia Política, buscando esclarecer conceitualmente as formas de produção da arquitetura. A análise do discurso desenvolvida no trabalho teve como objetivo evidenciar a agência daqueles que se manifestaram sobre a forma de produção do edifício e as formas de dominação sobre a força de trabalho, à luz das contribuições de Karl Marx, Sérgio Ferro e Paulo Bicca. A despeito do que foi defendido nos discursos, a produção da estrutura do Centro Cultural foi manufatureira e demandou uma mão de obra altamente qualificada, invertendo tanto os esquemas de interpretação que colocam a manufatura tradicional como dependente de uma mão de obra sem qualificação, quanto aqueles que argumentam pela desqualificação da mão de obra na suposta industrialização.

**Guilherme Soto Messias** Arquiteto urbanista formado pela FAU USP (2018), com período sanduíche na Technische Universität Berlin, com foco na relação entre projeto de arquitetura e desenho urbano. Desenvolveu pesquisas sobre o projeto de Oscar Niemeyer para o Parque Ibirapuera (iniciação científica) e sobre a construção do repertório arquitetônico aplicado ao projeto (trabalho final). Mestrando na área de História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo na FAU-USP. Arquiteto coordenador em SAO Arquitetura.

# A arquitetura moderna japonesa vista do canteiro

Após a Segunda Guerra Mundial, críticos e arquitetos japoneses tais como Naburo Kawazoe e Kenzo Tange analisaram o papel da tradição para o desenvolvimento de uma produção moderna. A instrumentalização do conceito de tradição por esses arquitetos passa pela crítica e esvaziamento de formas tradicionais de organização do canteiro. À luz dos textos de Sérgio Ferro, analiso aqui como a arquitetura moderna contribuiu para a formação de um aparato ideológico de inserção e de reprodução do capital por meio da industrialização, com suas formas de dominação na construção civil. Em textos como *Problems of Construction* (1948) and *Creation in Present-day Architecture and the Japanese Architectural Tradition* (1956), Kenzo Tange desenvolve uma justificativa retórica moderna contra organizações artesanais do canteiro de obras. Assim, difunde a ideia de que o racionalismo arquitetônico bem como o uso novos materiais como o concreto seriam meios para atacar os “problemas da construção” em direção a uma sociedade que superasse as formas de relação do antigo regime. Teóricos marxistas na época, como Uzō Nishiyama, já alertavam para as contradições dessa proposta e para o fato de que o desenvolvimento das forças produtivas industriais, assim como o uso de soluções estrangeiras advindas do modernismo europeu, de fato, acabariam por aprofundar desigualdades.

**Gabriel Kogan** Arquiteto e crítico, formado pela FAU-USP (2010). Desenvolve doutorado na mesma instituição com bolsa da Japan Foundation Fellowship. Professor convidado na Tokyo Institute of Technology em 2021 e palestrante convidado na Politécnico de Milão (Campus Mantova, desde 2015). Professor na Escola da Cidade (desde 2018). Colaborou com o jornal Folha de S.Paulo e revistas especializadas, como a japonesas A+U. Entre 2007 e 2015, trabalhou como arquiteto no Studio MK27. Integra o júri do Troféu APCA, Associação Paulista de Críticos de Arte (desde 2016).

# Designers como trabalhadores: desenho separado e o humanismo projetual de Gui Bonsiepe

Este trabalho tem como proposição discutir as condições de trabalho e a profissionalização de designers a partir do debate estabelecido entre o arquiteto brasileiro Pedro Fiori Arantes e o designer alemão Gui Bonsiepe em relação ao livro “Design, cultura e sociedade” (2011). A discussão foi publicada na Revista brasileira de Design – AGITPROP entre os anos de 2012 e 2013 e registrou as críticas de Arantes à desconsideração das condições de trabalho no contexto projetivo por parte de Bonsiepe ao escrever o livro em questão. Esta reflexão, portanto, procura investigar os significados dados aos temas do “humanismo projetual” e dos “estudos de produção”, sobretudo ao conceito de “desenho separado”, ao analisar as perspectivas teóricas que dialogam com as proposições dos autores. Além disso, apresenta o debate sobre a precarização das condições de trabalho dos próprios designers, tema discutido pela designer italiana Bianca Elzenbaumer no projeto *Designing Economic Cultures*. O artigo, por fim, procura aproximar questões dos estudos de produção ao campo do design no intuito de diversificar os entendimentos sobre profissionalização no próprio contexto do Design e fomentar a reflexão sobre as experiências de trabalho dos designers.

**Rafael Amato Bruno de Lima** Designer gráfico formado pela Universidade Federal de Minas Gerais (EA-UFG, 2017) e mestrando na linha de pesquisa Teoria e História do Design do Programa de Pós-graduação em Design da FAU-USP. Atuou como designer no estúdio Hardy Design (2018 - 2019) e na instituição pública de cultura BDMG Cultural (2019 - 2022). Atualmente, colabora como designer e produtor gráfico na equipe de curadoria do Instituto Inhotim.

# MESA 4

# TRABALHO SEPARADO E EMANCIPAÇÃO

## **MEDIAÇÃO Lucia Shimbo**

É Professora Livre-Docente no Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP, São Carlos). É graduada, mestre e doutora em arquitetura e urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP). Fez pós-doutorado em política habitacional no Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos (LabHab, FAU-USP). Foi pesquisadora convidada do Collegium de Lyon (Université de Lyon – França). Recebeu o prêmio Excelência para Novas Lideranças em Pesquisa na USP.

# Manufatura e indústria nos canteiros do PMCMV

À luz da leitura das recentes teses de doutorado de José Eduardo Baravelli (2014) e Isadora de Andrade Guerreiro (2018), o presente artigo propõe uma reflexão acerca da atualidade da obra escrita de Sérgio Ferro para as pesquisas sobre a produção contemporânea da Habitação de Interesse Social no Brasil. O que une as duas pesquisas é a investigação acerca das transformações decorrentes da vinculação da indústria da construção civil e do mercado de terras do país, à predominância financeira da economia mundial e a maneira como o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) respondeu à necessidade de uma reestruturação das bases produtivas dessa indústria. A partir de recortes dos seus conteúdos, buscamos evidenciar algumas divergências entre as abordagens quanto ao caráter da inovação tecnológica, presente nos canteiros da Faixa 1 do PMCMV, e suas determinações sociais. Suas conclusões conflitantes são, em parte, resultados das formas distintas pelas quais os autores absorvem os rendimentos metodológicos e a crítica anticapitalista desenvolvida por Ferro a partir de meados da década de 1960.

**Ugo Breyton Silva** Arquiteto e urbanista pela Escola da Cidade (EC, 2020) com o trabalho de conclusão “Política, Participação e Industrialização da Construção. Teoria e prática de Mayumi Watanabe de Souza Lima (1984-1992)”. Tem experiência no desenvolvimento de projetos arquitetônicos e urbanísticos e acompanhamento de obras. É membro da assessoria técnica formada por ex-alunos e professores da EC.

# Participação, cooperação e projeto: reflexões sobre diferentes perspectivas dos conceitos

Este artigo discute os diferentes entendimentos dos conceitos de participação, cooperação e projeto, tendo como foco experiências e debates ocorridos após a crise do modernismo. Nesse debate, os textos de Sérgio Ferro acrescentam um enfoque ao tema da produção e do canteiro. A contribuição de Ferro aponta importantes diferenças no entendimento de participação em relação a outros autores também pioneiros no tema, como Giancarlo de Carlo e John Turner. Pensando em como essas questões ainda estão refletidas na produção contemporânea, apresento o exemplo das casas incrementais do escritório chileno Elemental como um ponto de distorção dos conceitos debatidos por esses autores.

**Joana Martins** Arquiteta (2017) e mestre (2020) em Arquitetura pela PU-C-Rio. Atualmente é doutoranda em História Social da Cultural na mesma instituição, na linha de História da Arte e da Arquitetura. Pesquisa processos participativos e a relação entre cidade e democracia. Tem experiência em desenvolvimento de jogos para processos participativos.

# Notas sobre a arquitetura quilombola e os estudos de produção a partir da observação em campo do Quilombo Ribeirão do Mutuca (MT)

Este artigo tem como objetivo delinear as possíveis aproximações entre os estudos de produção presentes na obra de Sérgio Ferro (suas derivações e antecedentes) e a observação em campo da arquitetura quilombola do Ribeirão do Mutuca, localizado ao sul do estado de Mato Grosso, entre o Cerrado e o Pantanal. A partir das observações, vivências e pesquisa no território, buscou-se levantar questões e desvendar possíveis conexões e caminhos para se pensar a produção da arquitetura no contexto de comunidades quilombolas, a partir da obra de Ferro e a noção de cooperação simples desenvolvida, e o conceito de acumulação primitiva, de Marx. Para que o trabalho e as relações sociais apareçam, não se pretende analisar apenas a forma e os materiais – que também tem sua importância e serão pontuados, mas localizar os elementos que compõem esta produção da arquitetura e do habitat e relacioná-los ao percurso histórico local. Dentre os fatos destacados, está a implantação no território de 150 casas construídas em 2015 a partir do Programa Nacional de Habitação Rural. Analisamos como esta política pública setorial qualificou as condições de moradia das famílias e ao mesmo tempo alterou drasticamente tanto a paisagem quanto os modos de construir no Quilombo.

**Elizabeth Othon de Souza** Arquiteta e urbanista formada na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT, 2017), mestra pela FAU-USP na área de Habitat (2020). Atua como pesquisadora associada dos grupos NAPPLAC/FAU-USP e ÉPURA - Estudos em Planejamento Urbano e Regional da UFMT. Atualmente, é assessora da Diretoria de Habitação da Secretaria de Habitação (SEHAB) de Taboão da Serra, e integrante da FIO Assessoria Técnica Popular.

# As mulheres e os mutirões: uma relação complexa

O presente trabalho é resultado das reflexões tratadas na disciplina intitulada 'Arquitetura, historiografia e crítica: os estudos de produção' e investiga as relações entre a história da arquitetura, a crítica do grupo Arquitetura Nova e os debates da epistemologia feminista sobre trabalho dentro dos mutirões de autogestão. Por meio de uma revisão bibliográfica, buscou-se compreender o contexto histórico de formação dos arquitetos do grupo Arquitetura Nova e sua influência para a formulação das críticas à arquitetura vigente na época, bem como a agregação da hipótese delineada por Pedro Fiori Arantes de que as experiências de mutirões autogestionários iniciadas em 1980 foram uma continuação da crítica moldada pelo grupo. Com a associação das análises feitas sobre a arquitetura e os trabalhadores da construção e dos diagnósticos sobre a exploração da mulher formulados pelas marxistas Heleieth Saffioti e Silvia Federici, foi possível constatar que o fenômeno que une as mulheres trabalhadoras e os canteiros de obras de mutirão de autogestão é complexo e está em processo de atualização e aprofundamento com o auxílio de informações sobre o papel das mulheres dentro do capitalismo e dentro dos mutirões, algo necessário desde a breve descrição que Arantes fez, há 20 anos atrás, em seu trabalho de conclusão de curso, sobre o protagonismo feminino nos movimentos por moradia e nos mutirões.

**Beatrice Volpato Teixeira** Arquiteta e Urbanista formada pelo IAU-USP (2020), é mestranda na área de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo na mesma instituição. Desde 2017 se dedica à pesquisa sobre questões de gênero dentro da Arquitetura. Atualmente compõe a equipe editorial da revista independente POSTO68 e movimentos de luta por moradia no interior de São Paulo.



# Comunidade Piquiá de Baixo (MA): notas sobre o projeto e a obra

Este texto é um breve ensaio sobre minha experiência como arquiteta na Usina CTAH durante a obra do Reassentamento da Comunidade do Piquiá de Baixo, nos anos de 2019 e 2020, em Açailândia - Maranhão. Nele buscarei relatar, de um ponto de vista muito particular e pessoal, a rica experiência que foi assessorar tecnicamente a comunidade e a Associação dos Moradores de Piquiá para a produção autogerida do bairro, com recursos do Programa Minha Casa, Minha Vida, na sua modalidade Entidades. Em seguida, este texto buscará refletir sobre o trabalho e a autogestão neste canteiro de obras, se inserindo num debate do campo da crítica da arquitetura e dela enquanto processo político, capaz de engendrar novas relações sociais durante o projeto e a obra.

**Noemi Yumi Rodriguez** Arquiteta e Urbanista formada pelo Centro Universitário FIAM-FAAM (2018) e Desenhista Industrial formada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2013). Técnica em Projetos Arquitetônicos pelo Liceu de Artes de São Paulo (2008). Atua na Usina CTAH desde 2018, sendo integrante da equipe de obra do Reassentamento da Comunidade de Piquiá de Baixo de 2018 a 2020 e coordenadora financeira de 2020 a 2021.

# A produção da arquitetura (e do design)

aproximações a um novo campo de estudos

Coordenação do seminário

**João Marcos de Almeida Lopes (IAU-USP)**

**José Tavares Correia de Lira (FAU-USP)**

Organização do evento

**Gabriel Biselli**

**João Fiammenghi**

**Noemi Rodriguez**

**Rafael Amato**

Projeto e identidade gráfica

**Rafael Amato**

Produção dos cadernos

**João Fiammenghi**

**Rafael Amato**

Seminário realizado em 01/06/2022

na FAU Maranhão, São Paulo.

Este caderno de resumos foi diagramado em maio de 2022  
e é composto pelas fontes Apoc e Neue Haas Grotesk.



TF  
TK



instituto de  
arquitetura  
e urbanismo  
usp são carlos



FAUUSP